

Filebo (ou do Prazer)

A questão colocada para debate entre Sócrates, Protarco e Filebo é “o prazer é um bem?” e ainda na mesma questão, mas que separo aqui pois chegaremos a resultados distintos (e complementares) “o saber é mais desejável que o prazer?”. Para essa questão ser respondida o caminho é o mesmo de todos os demais diálogos, o debate dialético onde os argumentos são contrapostos um ao outro, até a satisfação dos inquiridores. Sócrates entende que o saber é mais bem posicionado que o prazer, Protarco está em dúvida e Filebo acredita piamente que o prazer é superior, e deve ser buscado. Sócrates e Protarco são anciões, assim subentende-se que são os personagens corretos para se contrapor ao jovem Filebo, que imerso na fase da vida grega jovem, vive apenas para a beleza do corpo, enquanto os outros dois debatedores já passaram pela juventude e buscam a *verdade*.

A primeira má-interpretação que Sócrates precisa desfazer para iniciar o debate saudável diz respeito ao prazer (e emoções, e sentimentos) terem diferentes graus, não sendo em si mesmos plenos. Para tal, o filósofo traz para a análise primeira a constatação de que há atribuição no prazer, sendo às vezes ele maior e outras, menor. Maior e menor são atribuições ao prazer, demonstrando por categoria que todos os atributos lhe cabem. Assim, o prazer pode ser não apenas maior ou menor, mas curto ou longo, rápido ou lento, e bom ou ruim dentre toda a infinidade de atribuições existentes. Aqui há o primeiro paradigma diante do qual se vê Protarco:

“Mas o que queres dizer, Sócrates? Imaginas que alguém que asseverasse que o bem é prazer iria admitir ou mesmo suportar ouvir-te dizer que *alguns prazeres são bons e outros maus*?”

Essa pergunta irá percorrer todos os pontos discutidos ao longo do diálogo, sendo respondida apenas no final. Chegaremos lá. Antes, porém, vejamos alguns pontos que podem ser extraídos do debate para nossa edificação:

Característica natural do bem

No artigo 20d:

Sócrates: Está o bem destinado necessariamente a ser perfeito ou imperfeito?

Protarco: Indubitavelmente a mais perfeita de todas as coisas, Sócrates.

Sócrates: [...]e tudo aquilo que possui dele alguma noção o busca, o deseja, quer apanhá-lo e dele apossar-se e não tem nenhum interesse em nada em que o bem não esteja presente.

Protarco: Não há como negar isso.

Aquilo que é bom, postula Sócrates, tem como efeito natural o fazer buscar-se sempre mais [rumo à plenitude]. Essa argumentação se mostra ao longo da obra essencial para a compreensão do tema, pois traz inserida em si a compreensão de que há níveis de prazer, mas a bondade é em um momento plena, sendo sentida em graus mas habitando como plenitude em algo, diferente do prazer que não existe plenamente mas traz em sua própria natureza a gradação.

Prazer e Saber complementares em si

A discussão passa no artigo 21 a buscar entender como se daria “a ausência do saber na vida do prazer” e “a ausência do prazer na vida do saber”. Diante deste artigo, se concluírem os debatedores que um ou outro é o bem (como Filebo defende ser o prazer), obrigatoriamente ele deve ser autossuficiente, pois sendo o bem não precisará de mais nada, pois é naturalmente pleno em si. O filósofo demonstra sem dificuldades que o prazer sem o saber não é nada, pois para sentir prazer é necessário saber (ao saciado, é preciso saber o que é fome e saciedade para ter esse prazer; ao solitário, saber o que é a solidão e a companhia para assim se regozijar com o outro etc.). Em seguida, o próprio Sócrates afirma também que seria inimaginável alguém querer viver uma vida de sabedoria e entendimento alheia ao prazer e à dor, dirigindo-se então o debate para um ponto novo: “e o que tu acharias de uma combinação de ambas?”, pergunta Sócrates.

A discussão toda gira em redor, a partir deste momento, da questão quantitativa ou *da gradação*. O quanto de prazer deve haver no saber, e o quanto de saber no prazer? Também lidaremos com essa resposta na conclusão dessa apostila.

Religiosidade no mundo grego

Em certo momento da discussão, Sócrates faz uma proposta de suposição afim de ajudar no alcance das respostas:

“Diríamos, Protarco, que toda as coisas e isto que é chamado de todo (olon) são regidos por uma força fortuita e o mero acaso, ou diríamos, contrariamente como o disseram nossos ancestrais, que são ordenados e regidos pela inteligência e por um saber extraordinário?”

Ao que Protarco responde:

“A simples comparação dessas duas posições, admirável Sócrates, já é descabida. Na verdade, o que dizes agora parece ferir diretamente a religiosidade”.

E esse é o mundo grego desconhecido da multidão, que acredita ser o panteísmo greco-romano um mundo alheio às potências celestes ou aberto à descrença e entregue ao edonismo.

Sócrates e Protarco encaminham o diálogo para o alto e passam a falar sobre as divindades para entender o prazer e o saber, invocam Afrodite para defender o prazer e Zeus, que recebeu diretamente da Causa seus atributos. Com essa discussão celeste, ambos os debatedores entendem que o mundo é composto por quatro diferentes categorias relativas ao debate em questão: o limitado, o ilimitado, a mescla desses dois e a causa. Entender o **limitado** e o **ilimitado** se faz necessário para o início do pensamento, uma vez que tudo no universo é composto de unos e múltiplos: o homem e o povo, a árvore e a floresta, a pedra e a montanha, a nota musical e a música, a letra e o alfabeto, o um e o infinito. A **mescla de ambos** é aquilo que dispõe a nós a própria vida, como a música composta de notas e o corpo humano composto de membros. E quanto à **causa**, toda a filosofia platônica caminha rumo ao

théos, e em Aristóteles conseguimos chegar à causa primeira, e em São Tomás de Aquino conhecemos seu Nome¹.

Onde habita o prazer e a dor

Por diversos momentos, o filósofo escandaliza seus ouvintes com conclusões inusitadas, como quando afirma que todos os desejos são *da alma* e nunca *do corpo*. Para mostrar sua conclusão como sendo precisa, Sócrates faz distinção entre percepção, memória e recordação, sendo percepção a sensação da alma para com assuntos do corpo; memória, a manutenção da percepção; recordação, a lembrança de uma percepção esquecida momentaneamente. Esse entendimento é escandaloso porque conclui indubitavelmente que não existe desejo do corpo, pois não tem relação com o passado, sendo um elemento estrito do presente. Um exemplo é que, quando alguém sente sede, o desejo de beber água não é sentida pelo corpo, mas pela mente, pois se o corpo tem sede é porque tem falta do líquido, e tendo falta não pode desejar o que não tem, é preciso que a alma, que tem em si a memória da plenitude (no caso a satisfação do corpo hidratado), deseje o líquido para o corpo.

Essa compreensão enriquece inclusive a compreensão da doutrina paulina, onde o menor dos apóstolos diz aos Gálatas:

“Ora, as obras da carne são manifestas: imoralidade sexual, impureza e libertinagem; idolatrias e feitiçarias; ódio, discórdia, ciúmes, ira, egoísmo, dissensões, facções e inveja; embriaguez, orgias e tudo quanto se pareça com essas perversidades, contra as quais vos advirto, como já vos preveni antes: os que as praticam não herdarão o Reino de Deus! Entretanto, o fruto do Espírito é: amor, alegria, paz, paciência, benignidade, bondade, fidelidade, mansidão e domínio próprio. Contra essas virtudes não há Lei. Os que pertencem a Cristo Jesus crucificaram a carne, com as suas paixões e os seus desejos.

Se vivemos pelo Espírito, andemos de igual modo sob a direção do Espírito” – Gl 5:19-25

E aos Romanos:

“Portanto, agora nenhuma condenação há para os que estão em Cristo Jesus, que não andam segundo a carne, mas segundo o Espírito.” – Rm 8:1

Perceba que o apóstolo contrapõe as **obras** da carne com os **frutos** do espírito. Na doutrina cristã, o Espírito de Deus atua no Espírito do homem de forma que este, antes composto de parte material e imaterial (pois mesmo os ímpios são homens), após a conversão passam a ter uma natureza imaterial tocada por Deus, que lhe indicam os frutos corretos a serem colhidos².

¹ Essa discussão é a proposta em todo o artigo 29 do presente Diálogo.

² Existe na doutrina cristã a discussão acerca da Dicotomia e Tricotomia, não sendo assunto dessa aula – mas sim das aulas de Teologia –, não será aqui abordada, sendo necessário entender apenas que a parte imaterial do homem é tocada por Deus na conversão, o que não acontece com os ímpios por não terem sido redimidos.

A medida do prazer e da dor

No artigo 45, Platão posiciona o diálogo de forma a fazer compreender o leitor que a medida do prazer e da dor é proporcional ao grau de vício do homem.

Sócrates: Percebes a presença de maiores prazeres numa vida de excessos ou numa vida de autocontrole?

Protarco: [...]os autocontrolados são mantidos sempre sob o freio do aconselhamento do provérbio “nada em excesso”, que constitui o guia de suas ações; entretanto, no que se refere aos indivíduos insensatos e desregrados o prazer intenso assume o completo controle deles, a ponto de conduzi-los à beira da loucura e a um comportamento notoriamente frenético.

Quanta lucidez em tão simples constatação! A disparidade de dor e prazer entre alguém dotado de autocontrole e alguém vicioso é patente a qualquer observador, ainda que ao mais destreinado.

Há prazer verdadeiro e prazer falso?

Antes da conclusão, os debatedores se veem diante da que parece ser a mais polêmica questão de todo o debate, a de existirem prazeres falsos. Protarco duvida que alguém que sente um prazer possa estar sentindo um prazer falso, uma vez que “sentindo”, não pode ser falso ainda que seja maligno pois se fosse falso não seria sentido. Sócrates sintetiza o verdadeiro prazer como “todos os prazeres cuja carência não é sentida e é indolor, ao mesmo tempo que a satisfação por eles proporcionada é experimentada pelos sentidos, agradável e isenta de dor”. A filosofia socrática então passa a diferir entre prazer e ausência (ou amenização) de dor. Alguém que se utiliza de uma droga “para sentir prazer”, não sente prazer após se drogar, mas sim ausência da dor que sentia no momento anterior ao uso; da mesma forma aquele que tem nos braços a pessoa desejada por ciúmes, não “sente prazer” em estar com o outro, mas alivia a dor de sua ausência, e assim por diante. O prazer só é verdadeiro quando a “carência não é sentida e é indolor”, esse é o verdadeiro prazer.

Conclusão

Conclui o debate que nem todo prazer o é, alguns são na verdade dor. E os debatedores terminam fazendo um exercício mental relacionado à possibilidade de que o homem deve buscar a “mescla de ambos”, o exercício é imaginar que os debatedores são copeiros em uma festa, e devem então servir os convidados. Para o serviço, dispões de taças e duas fontes: uma de água pura e uma de vinho. Devem os copeiros misturar ambos os líquidos nas taças antes do serviço para conseguir uma bebida perfeita? Caso positivo, qual seria a gradação de cada uma?

A resposta não poderia ser outra: se o vinho é bom, quanto mais água se coloca na taça, menos bondade se tem, sendo então a água desnecessária em qualquer medida configurando sua adição em amenização de pureza. O mal é desnecessário em sua mínima medida sequer.

Fernando Melo
Brasília, 27 de novembro de 2021